**A partilha nos EE**

*«Como o fiel de uma balança,*

*deixe agir o Criador com a criatura e a criatura com seu criador» (*EE 15 §6)

“O objetivo final dos EE é que o exercitante se disponha e coopere, para aproximar-se progressivamente do mistério do Reino, aprofundando seu relacionamento e comunhão com a Trindade e com todas as criaturas”[[1]](#footnote-1). Neste caminho de oração **quem conduz é o Espírito**. A metodologia quer ajudar o exercitante a ‘dispor-se para deixar-se conduzir’ e o papel do acompanhante é deixar que “a pessoa que contempla, tomando o verdadeiro fundamento da história [matéria de oração proposta], reflete e raciocina **por si mesma**. Encontrando alguma coisa que a esclareça ou faça sentir mais a história, **quer pelo seu próprio raciocínio, quer porque seu entendimento é iluminado pela virtude divina**, tem maior gosto e fruto espiritual do que se quem dá os exercícios explicasse e ampliasse muito o sentido» (EE 2 § 2-3)

A **partilha não é momento de catequese**, **de moral, de aconselhamento**, mas é sim parte integrante da metodologia, do movimento do exercitante de voltar-se para Deus, de “buscar e encontrar a vontade divina na disposição da sua vida para sua salvação” (EE 1 § 4), tendo a seu lado **uma ajuda para discernir** ‘as diversas moções espirituais’, ou se o não é ‘agitado’. O acompanhante deve perceber se o exercitante faz os exercícios ‘com diligência’, os preâmbulos, as adições, ‘dando-lhe ânimo e forças para ir adiante se está ‘desolado e tentado’, verificar o momento de passar as Regras de discernimento dos espíritos apropriadas (de Primeira ou Segunda Semana), e se o exercitante as compreende e delas se serve com proveito.

**Nas partilhas em grupo o acompanhamento é mais um** ‘**ouvir’**, pois “falar permite simultaneamente restabelecer a harmonia do sujeito consigo próprio e com os outros, assim como ordenar as idéias de forma a que o sentido possa surgir”[[2]](#footnote-2). Ao falar a pessoa mesma se ajuda, “iluminando” o rezado.

Deve-se inicialmente orientar o grupo a acolher no silêncio do coração a partilha de cada membro, sem comentar, nem durante e nem depois, pois **a partilha é também parte da oração**. Rezar pedindo as luzes do Espírito Santo. O acompanhante zele para que todos tenham a oportunidade de falar. A liberdade de falar ou não deve ser respeitada, mas convém ressaltar que muitas vezes Deus nos fala através de uma palavra amiga, e, partilhar não é discursar, mas abrir o coração e dizer **o sentimento, a frase ou imagem que mais tocou**.

**Ao final das partilhas** **pode-se dizer umas poucas palavras**, **relativas à metodologia**, esclarecer algum ponto no qual perceba que os exercitantes encontram dificuldades, verificar a fidelidade ao tempo, a adequação do local de oração, relembrar os passos da oração, a importância da revisão e anotação para acompanhar as marcas de Deus em sua caminhada espiritual, bem como para, depois, nortear a partilha em grupo. Encerra-se com uma oração vocal, lembrando a importância de rezarmos uns pelos outros e da discrição sobre o falado no grupo.

1. CEI-Itaici. *A força da metodologia nos EE*. São Paulo, SP: Loyola, 2002. (Col. Leituras & Releituras no 2), 3. [↑](#footnote-ref-1)
2. CARRETO, Carlos C. *Figuras do silêncio: do interdito à emergência da palavra no texto medieval***.** Lisboa: Ed. Estampa, 1996, p. 212. [↑](#footnote-ref-2)